

Sarney reage aos "anarquistas"

Ao criticar a ameaça de "desobediência civil", Sarney disse que dirigentes são aliados de Bakunin

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney reagiu ontem à ameaça de uma desobediência civil no controle de preços, acusando os dirigentes empresariais de serem anarquistas e aliados "do Bakunin" (Mikhail Bakunin, o pai de anarquia internacional, falecido no século passado — ver matéria abaixo). Embora sem citar nomes na acusação, as palavras do presidente Sarney foram dirigidas ao presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amaro, que no início da semana advertira para "uma guerra de preços e uma desobediência civil generalizada" caso o governo demore a realinhar os preços congelados pelo Plano Cruzado.

O ataque do presidente José Sarney aconteceu às 6 horas da manhã de ontem, durante a transmissão do programa "Conversa ao

Pé do Rádio", que atinge ouvintes em todas as regiões do País através de uma rede facultativa de emissoras. Estranhamente, porém, o texto oficial do pronunciamento só foi divulgado no início da tarde pela Secretaria de Imprensa do Palácio do Planalto com muitas revisões e cortes. Foi suprimida, por exemplo, a frase em que Sarney cita Bakunin, sendo substituída por outro texto, onde o presidente ressalva que dirigentes empresariais que pregam a anarquia e a desobediência civil "não expressam o pensamento da classe". O porta-voz interino, Antônio Frota Neto, não assumiu a responsabilidade pela censura. Disse que o texto oficial lhe foi remetido pelo gabinete pessoal do presidente da República. Outras fontes consultadas atribuíram o trabalho de revisão da versão original ao dicionarista Joaquim Campelo, amigo pessoal do presidente e que o auxiliava na redação de discursos.



"AQUELA COISA"

No pronunciamento que foi ao ar ontem, Sarney reclama que o País atravessa dificuldades demais para continuar sofrendo pressões internas e externas, que na sua opinião visam a enfraquecer a economia nacional num momento crucial de renegociação da dívida externa. Duas vezes, demonstrando desapontamento, o presidente afirma que dirigentes empresariais, "num momento em que se procura consolidar o estado de direito no Brasil, o regime da lei, pregam a desobediência civil, a anarquia e passam a ser aliados daquela coisa do século passado, que é aliado do Bakunin".

As pressões e o pessimismo — recorda Sarney — existem desde o primeiro dia de seu mandato. "Dia e noite semeia-se o desânimo e anuncia-se o desastre", diz ele, acrescentando que o Brasil não será vítima de um desastre. O governo, disse ainda, existe "para administrar problemas", e garantiu que resistirá permanentemente aos

que qualificou "interesses dos poderosos que muitas vezes não olham o Brasil e sim o seus próprios interesses". Todas as pressões existentes têm como objetivo deixar o país enfraquecido na mesa de negociações com os credores internacionais. "Isto, contudo, não vai acontecer e não nos intimidará", afirmou.

O Brasil otimista, na visão do presidente da República, é aquele que conseguiu fazer com que a inflação de 1985, de 233,11% caísse no ano passado para 22,8%; um saldo positivo na balança comercial de US\$ 10 bilhões; e um crescimento de 8 a 5% para a produção agrícola. "Nenhum país do mundo teve um desempenho igual ao do Brasil", disse ele, destacando também as críticas, que a seu ver não procedem, feitas aos gastos públicos do governo. Esses gastos representavam em 1985 o correspondente a 3,9% do Produto Interno Bruto (PIB), e fecharam o ano de 1986 em 2,5% do PIB.

Trechos foram suprimidos

Na íntegra do texto do programa "Conversa ao pé do rádio", do presidente José Sarney, transcrita a seguir, aparecem em negrito os trechos suprimidos na cópia divulgada pela Secretaria de Imprensa do Palácio do Planalto, e em negrito e entre parênteses, os acréscimos:

"Aqui vos fala, mais uma vez, o presidente José Sarney em nossa primeira conversa ao pé do rádio neste ano de 1987. Renovo a todos os meus votos de êxito e de felicidade. Chegamos ao fim de 86 mantendo o nosso País, o nosso Brasil, com um recorde de crescimento, tendo sido no mundo ocidental o país que mais cresceu no setor industrial, cerca de 12%. Chegamos, também, ao fim do ano passado com a menor taxa de desemprego dos últimos anos. Chegamos ao fim do ano passado também com o crescimento econômico retomado; chegamos com salário real crescendo. São dados insuspeitos do Dieese, que é um órgão que calcula a economia para os trabalhadores. No mês de dezembro, tivemos a maior taxa de crescimento de emprego e do ganho real do trabalhador. O desemprego em São Paulo caiu para 8,2% e os rendimentos médios subiram de 12%. Isto são fatos, não são palavras (apenas).

Em 86 nós consolidamos a democracia e tivemos a maior eleição já registrada neste país. O povo brasileiro passou a ser dono do seu destino, e o presidente da República escravo do seu trabalho.

Vamos dar outros números para vocês.

Se crítica muito que o governo não tem cumprido a sua parte no que se refere à diminuição dos gastos públicos. Pois bem, no ano de 1985 o governo gastou 3,9% do Produto Interno Bruto. Em 86, o ano que terminou, estes gastos caíram para 2,5% do Produto Interno Bruto, isto é, do PIB. Isto é, reduzimos quase à metade os nossos dispêndios. (quase a metade da taxa de 85). A inflação, que em 85 foi de 235,11%, caiu em 86 para 22,8% pelo IPC. Cerca de dez vezes menor que no ano anterior. E o Índice Geral de Preços foi de 46,87% e de 46,45% incluindo janeiro e fevereiro, meses anteriores ao Plano Cruzado. Tivemos em 86 um saldo positivo na balança comercial de US\$ 10 bilhões. Um crescimento do nosso produto interno da ordem de 8% e de 5% para o produto agrícola.

Esses dados são importantíssimos. Nenhum país do mundo teve um desempenho igual ao desempenho do Brasil (que além de problemas econômicos teve de conviver) com os problemas institucionais que nós também tivemos. E posso anunciar aos brasileiros que as nossas projeções para 1987 são de manter o crescimento econômico entre 5 e 7%. Manter a taxa de emprego. Manter o saldo na balança comercial de 10 bilhões de dólares. Continuar o processo de consolidação da democracia. Fazer uma Constituição que assegure os direitos sociais e as liberdades democráticas. Manter em 1987 a prioridade pelos pobres e não recuar diante das pressões internas e das pressões externas.

Mas não bastam os bons resultados para deter o pessimismo que tem sido espalhado e que (alguns setores alardeiam) continua desde o primeiro dia do meu mandato. (Estas vezes) Dia e noite semeia-se (semeiam) o desânimo e anuncia-se (anunciam) o desastre. Graças a Deus, o Brasil não vai conhecer esse desastre. É claro que nós temos problemas. Qual é o país que não tem problemas no mundo? Mas o Brasil, com seus recursos humanos, os seus recursos naturais, com a nossa determinação, não tem por que ter medo do futuro.

Nós estamos aqui para administrar problemas. O governo não está para ficar descansando de braços cruzados. O governo está para trabalhar. E trabalhar é administrar problemas. Nós temos problemas graves, como os senhores sabem. Nós temos o ágio, temos os problemas dos preços, dos especuladores, dos gananciosos. (Temos dos especuladores. Temos dos gananciosos). Como eu já disse, a economia não é geometria. Ela tem que ser ajustada dia a dia, e o governo tem que ficar permanentemente resistindo a interesses poderosos, que muitas vezes não olham ao Brasil e olham os seus próprios interesses.

Por outro lado, devo dizer que nós estamos numa fase da negociação da dívida externa, que vai começar no dia 19 e isso trará para dentro do nosso país as pressões que nós atravessamos lá fora, para nos obrigar a (criar a situação de), sentar na mesa enfraquecidos. Isto, contudo, não vai acontecer e não nos intimidará. Para que se verifique o estado de exaltação a que chegou esse estado de espírito, basta ver que diri-

gentes empresariais (que felizmente não expressam o pensamento da classe), num momento que se procura consolidar o estado de direito no Brasil, o regime da lei, pregam a desobediência civil, a anarquia e passam a ser aliados daquela coisa de séculos passados, que é aliado do Bakunin.

Eu acho que mais paciência tem tido a grande massa de trabalhadores brasileiros, o povo pobre mais sofrido, que aguenta com os índices de miséria absoluta, estes sim que constituem os verdadeiros problemas e a vergonha nacional.

Mas, em vez de sermos ajudados para resolvermos os problemas, o que vêm são atropelos (por parte de áreas que não podem ter esse comportamento), para dificultar soluções. Mas fiquem certos que nós cumpriremos com o nosso dever. Estamos aqui, como eu disse, para administrar problemas e conflitos e os saberemos conduzir, com paciência, sem paixão, porque ninguém vai desestabilizar o governo. Para isso, nós contamos com o apoio do povo brasileiro (e das forças políticas que nos apóiam). Agora, para terminar, eu quero tratar de dois pequenos assuntos: como os funcionários federais já sabem, eu concedi em dezembro o 13º salário. Concedi em quatro parcelas e acho que resgatei uma injustiça, porque não era possível que os estatutários não tivessem o 13º salário quando todos os celetistas já tinham. Outro assunto: eu não sei também como atribuir ou a que atribuir, mas divulgaram que o governo tinha proibido práticas religiosas de umbanda e de outros cultos.

Planalto ainda tentou suavizar

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney fugiu do habitual no programa "Conversa ao Pé do Rádio" de ontem. Primeiro, dispensou os assessores que o auxiliam na preparação do texto, entre os quais o jornalista Luiz Gutemberg; segundo, deixou para a última hora a redação final, após um dia inteiro de audiências, em que ouviu muitos políticos e trocou idéias sobre a realidade econômica do País. O programa foi gravado depois das 20 horas de quinta-feira, na presença de poucos auxiliares, que incluíam, além de Gutemberg, o porta-voz Frota Neto.

Em nenhum momento o presidente foi recomendado a suprimir a comparação que fez entre o empresariado descontente com a demora do realinhamento dos preços e o ideólogo anarquista Mikhail Bakunin. No entanto, o efeito produzido poucas horas depois de o pronunciamento ser levado ao ar, quando os telefones de alguns gabinetes começaram a tocar com insistência, levou o Palácio do

Planalto a tentar suavizar a mensagem oficialmente distribuída pela Secretaria de Imprensa.

Ao escrever a "Conversa ao Pé do Rádio", segundo confienciaram fontes próximas do gabinete presidencial, Sarney estava disposto a responder ao que considerou o fato mais grave desde que o Plano Cruzado começou a sofrer alguns reveses: a ameaça de desobediência civil mencionada, segunda-feira passada, pelo presidente da Federação das Indústrias no Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato. Particularmente, o presidente da República estava também ressentido por o setor não reconhecer as vitórias obtidas pelo Plano Cruzado, notadamente a retomada do crescimento econômico, o pleno emprego e a redução dos índices inflacionários. Para uma importante fonte do Planalto, o presidente Sarney tinha convicção do que estava dizendo e a quem estava atingindo com o seu ataque, fazendo crer que possui "trunfos" para ainda manter os compromissos de seu governo com a classe trabalhadora.